



Feira do Rolo: mercadorias roubadas e jogos de azar

DF - Ceilândia

Administrador garante que vai regularizar a Feira do Rolo

Pode soar inacreditável, mas depois de mais de duas décadas solidificando a fama de ponto de revenda de todo tipo de produto roubado ou ilícito, a Feira do Rolo, na Ceilândia, está para ser legalizada. O surpreendente anúncio é do administrador regional da Ceilândia, Eduardo Gomes, que deu largada ao processo de regularização da feira em meados do ano passado e pretende, dentro de 90 dias, estar com todos os feirantes interessados em comercializar no local cadastrados, com barracas padronizadas e usando formulários que garantam a procedência das mercadorias usadas. "Nossa meta é eliminar de vez o rolo, legalizando a feira", afirma ele. "Quem insistir em vender produtos ilegais não terá como, após este processo, permanecer no local, pois, obviamente, não vai querer se identificar nos moldes que exigimos".

Segundo Gomes, a Administração Regional já cadastrou cerca de 400 feirantes, que agora formam o *pool* legalizado da Feira do Rolo - trocaram as lônas estendidas no chão, que vigoravam até novembro, por barracas padronizadas. Mas há espaço para muito mais. "Não vamos limitar o número de feirantes, impedindo a feira de crescer. Pelo contrário, o próprio mercado é que vai regular este volume", garante o administrador, que estima entre 5 mil e 10 mil pessoas o público da feira, só realizada aos domingos. Só que este espaço será destinado apenas aos que forem cadastrados, portanto, que aceitarem atuar legalmente na feira.

"Estamos elaborando, junto

com a Associação dos Feirantes da Feira de Materiais Novos e Usados da Ceilândia e também com a Associação dos Comerciantes da Feira do Povo de Ceilândia, um modelo de formulário para garantia de procedência das mercadorias usadas", revela. "Este modelo terá de conter, obrigatoriamente, dados como identidade, CPF e comprovante de residência do proprietário do produto a ser vendido". O projeto de regularização da Administração prevê, ainda, o uso de crachás e até de jalecos pelos feirantes, além de fiscais para garantirem o cumprimento de todas estas regras.

Em contrapartida, os feirantes ilegais - que são cerca de 200, pelas estimativas da Administração - devem ser retirados do local. "Eles desvirtuam todo o processo de regularização e não se resumem aos que vendem mercadorias roubadas. Há também os que traficam animais silvestres, promovem brigas de rinha e praticam jogos de azar", destaca Gomes. "Vamos eliminar estas atividades dali com a ajuda do 8º Batalhão da Polícia Militar e, também, da Delegacia dos Costumes".

O administrador quer legalizar até mesmo a situação dos que vendem - hoje irregularmente - carne de gado, suíno e peixe na feira, que só poderão continuar na atividade se seguirem à risca a legislação exigida pela Vigilância Sanitária. E, para marcar de vez o novo perfil, a Feira do Rolo estréia até nome novo na praça - agora, chama-se Feira de Ceilândia Sul.

MÁRCIA QUADROS

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA